

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Vanessa Trindade da Luz

DA LINGUAGEM À ESCRITA: um estudo sobre a comunicação humana até o desenvolvimento das primeiras escritas

Porto Alegre

2017

Vanessa Trindade da Luz

DA LINGUAGEM À ESCRITA: um estudo sobre a comunicação humana até o desenvolvimento das primeiras escritas

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof^a. Me. Marlise Giovanaz

Porto Alegre

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Prof. Dr. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Jeniffer Alves Cuty

Chefe substituta: Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador substituto: Rene Faustino Gabriel Júnior

CIP - Catalogação na Publicação

Luz, Vanessa Trindade da

Da linguagem à escrita: um estudo sobre a comunicação humana até o desenvolvimento das primeiras escritas / Vanessa Trindade da Luz. -- 2017.

38 f.

Orientadora: Marlise Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Comunicação. 2. Semiótica. 3. Escrita. 4. Antigo Egito. 5. Mesopotâmia. I. Giovanaz, Marlise, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Rua Ramiro Barcelos, 2705 Bairro Santana, Porto Alegre, RS CEP:90035-007

Telefone: (051) 3308-5067 E-mail: fabico@ufrgs.br

Vanessa Trindade da Luz

DA LINGUAGEM À ESCRITA: um estudo sobre a comunicação humana até o desenvolvimento das primeiras escritas

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof^a. Me. Marlise Giovanaz

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Me. Marlise Giovanaz – UFRGS

Orientadora

Prof^a. Ketlen Stueber – UFRGS

Examinadora

Prof^a. Priscila Chagas Oliveira – UFRGS

Examinadora

AGRADECIMENTOS

A princípio não sabia realmente o que escrever nessa parte, riam se quiserem, mas foi a mais difícil para fazer, não me levem a mal eu tenho sim muito a quem agradecer (sendo clichê a minha família e amigos), principalmente porque eu acredito que ninguém consegue nada sozinho. Mas a minha maior dificuldade mesmo não foi a quem a agradecer, mas sim agradecer por quê? Por fazer esse trabalho? Por me fazer chegar até esse nível acadêmico? Por esse motivo claro que agradeço a minha família que acreditou que eu conseguiria chegar até aqui, que me apoiou nas minhas decisões, mas que também me atrapalhou em alguns momentos, a eles não agradeço somente por essa etapa, mas sim por estarem comigo em todas as etapas da minha vida, então meu muito obrigada a minha mãe, meu irmão, ao Vinicius, a Andreia, ao Juliano, ao Marcos, sem vocês nem sei o que seria de mim.

Mas o que eu realmente quero agradecer, o que me deu uma luz ao que escrever nessa parte é que eu quero agradecer a esse curso, a essa formação em Biblioteconomia, com ela eu aprendi muito, não somente sobre bibliotecas (pasmem, mas é o que a maioria das pessoas acha que o curso se resume), mas sobre a quantidade de informação que temos atualmente, e todos os meios e ferramentas que podemos utilizar durante a nossa jornada profissional, que não temos só um lugar onde atuar, mas com vontade e determinação podemos evoluir *na e a* profissão de Bibliotecários. Quero a agradecer não somente a isso, mas também as pessoas que esse curso me deu o prazer de conhecer, as que eu pretendo levar comigo para sempre: Israel, Bianca, Eduardo e Luiza, meu primeiro chefe e primeiros colegas, meu muito obrigada por me acolherem lá no começo nessa jornada que foi o curso.

Agradeço as bibliotecárias do TJ/RS, Jaqueline, Cristiane, Eliane, que me deram meu primeiro emprego numa biblioteca, onde eu pude ter uma melhor compreensão de como funciona uma biblioteca, as minhas colegas do estágio: Suelen, Daniela, Cris França, Mikaela, Greice, Kamila nem sei o que posso falar mais do que eu amo vocês, como eu gostava das nossas pausas às 15:30, eram a melhor parte do meu dia, aprendi um monte com você não somente sobre as aulas, mas sobre a vida, não falo isso muito mas foram vocês que abriram mais meus olhos e ouvidos para as coisas, por isso eu perdoo pelos “bullings” feitos comigo algumas vezes.

No TRF4, meu segundo e último estágio eu agradeço por conhecer a melhor colega/amiga que alguém poderia ter chamada Ingra, alegre, divertida, meio homicida, mas que no fundo é meiga, que me apresentou aos meus outros amigos inesquecíveis Lúcia Fernanda e Eduardo, temos muitos Festivais do Japão para ir pela frente pessoal!

Mas principalmente agradeço por conhecer minha chefe Magda de Conto, por me mostrar muito além da prática como é manter uma biblioteca viva e funcionando, como resolver quase todos os problemas, como não desistir de algo mesmo quando tudo parece trabalhar contra, mas acima de tudo me mostrou que na nossa jornada podemos ser testamos muitas vezes, mas quando amamos nosso trabalho como Bibliotecários, não desistimos facilmente, nos cansamos muito as vezes, podemos até vacilar um pouco, mas somos só nós que podemos decidir ir em frente ou se acomodar perante a situação em que nos encontramos no nosso dia-a-dia.

Agradeço pelas as amigas que conheci ao entrar Edna, Silvana, Letícia, Raquel, as pessoas mais meigas e dedicadas que eu conheço, não tenho dúvida que serão as melhores bibliotecárias possíveis. Agradeço a minha orientadora Marlise Giovanaz, que não só me aturou durante esse último passo do curso, mas que teve paciência acima da média e me ajudou a concluir esse trabalho, muito obrigada. E por fim, mas não menos importante, quero agradecer a esse curso por me dar o prazer de encontrar minhas irmãs perdidas Cris Costa e Júlia Peres, gurias vocês são demais, não vou escrever muito para não subir à cabeça de vocês, mas vocês já sabem né? I <3 U. Obrigada Biblioteconomia por tudo!

“Aonde fica a saída?” - Perguntou Alice ao gato que ria

“Depende” - Respondeu o gato.

“De quê?” - Replicou Alice

“Depende de para onde você quer ir...”

Alice no País das Maravilhas - Lewis Carroll

RESUMO

O trabalho apresenta o estudo sobre a origem da comunicação humana, da linguagem verbal e da escrita. Traz especulações acerca do surgimento da comunicação humana, introduz as principais linhas de estudos da semiótica, como uma teoria da comunicação, identifica as principais definições da linguagem e como é entendida a escrita nesse campo do conhecimento. Utiliza a revisão bibliográfica como principal instrumento metodológico. Expõe as primeiras civilizações a utilizarem uma escrita própria, analisando seu surgimento, modo de vida e crenças. Conclui, com a análise das informações encontradas, a importância da escrita no desenvolvimento das civilizações antigas, e a relevância desta para o conhecimento do passado.

Palavras-chave: Comunicação. Semiótica. Linguagem. Escrita. Antigo Egito. Mesopotâmia.

ABSTRACT

The work presents the study of the origin of human communication, verbal language and writing. Brings speculation about the emergence of human communication, introduces the main lines of studies of semiotics as a theory of communication, identifies the main definitions of language and how the writing is understood in the knowledge field. Uses bibliographic review as the main instrument of methodology. It exposes the first civilizations to use their own writing, analyzing its emergence, way of life and beliefs. Its concludes with the analysis of the found informations, the importance of the writing to the development of ancient civilizations, and the relevance of this to the knowledge of the past.

Keywords: Communication. Semiotics. Language. Writing. Ancient Egypt. Mesopotamia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Evolução da mente	16
Figura 2 - Vênus de Willendorf	22
Figura 3 - Mapa da Antiga Suméria	24
Figura 4 - Escrita Cuneiforme	25
Figura 5 - Épica de Gilgamesh	27
Figura 6 - Mapa do Antigo Egito	29
Figura 7 - Hieroglifos	30
Figura 8 - Pedra de Roseta	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O PENSAMENTO HUMANO E A HISTÓRIA	15
3 ORIGEM DA ESCRITA	22
3.1 Os Sumérios da antiga Mesopotâmia e a escrita cuneiforme	23
3.2 O Antigo Egito e a os hieróglifos	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Na Biblioteconomia estudamos como gerenciar a informação, todos os suportes em que ela pode ser acessada, guardada e, principalmente em como ajudar as pessoas a acessar, quando necessário, a informação desejada. Mas antes de tudo isso devemos ser capazes de entender a informação que nos é dada, onde é o lugar dela nessa cadeia de informações recebidas todo dia. É nesse ponto que o atual trabalho se forma, bem antes de artigos científicos, bases de dados, informação digital, antes mesmo de um alfabeto definido, como se dava a troca de informação através de diferentes linguagens e como a nossa sociedade entendia as informações recebidas.

A comunicação esteve presente desde o primórdio da humanidade, segundo Santos (2008, p. 16) “há cerca de 55 mil anos teria começado a Idade da Fala e da Linguagem, quando o homem de cro magnon (*Homo sapiens*) passou a controlar o aparelho fonador, utilizando a fala para se comunicar”. A princípio o método mais utilizado de comunicação era através da linguagem não verbal, mas com o desenvolvimento da espécie e tendo certas funções mais desenvolvidas, começa a se construir um raciocínio mais apurado e os “homens das cavernas” começam a criação de pinturas em pedras como modo de registrarem seus dias, contando através deles as caças realizadas e a diferenciação de animais existentes, assim como perigos.

A partir dessas imagens antropólogos e arqueólogos foram capazes de completar várias lacunas sobre como se dava a comunicação dos povos. O objetivo do atual trabalho é dissertar sobre o desenvolvimento intelectual da espécie humana, sua capacidade de linguagem e pensamento até a criação de métodos de escrita dos primeiros povos da antiguidade.

A ideia desse estudo surgiu ao acaso, ao assistir a série de televisão *Supernatural*¹, me deparei com os protagonistas utilizando um símbolo ancestral para “expulsar um demônio”, pode parecer banal o motivo, mas isso me despertou, a série por ser ficcional claramente possui liberdade artística, mas ficou a pergunta, os povos antigos não utilizavam também artes rupestres para descrever o cotidiano e suas

¹ *Supernatural* é uma série de televisão norte-americana de fantasia sombria e urbana criada por Eric Kripke produzida pela Warner Bros.

crenças? Com isso em mente me aprofundei mais no tema, principalmente ao estudo de símbolos escritos como uma ferramenta para transmitir informações. Percebeu-se que o que devesse levar em conta mais do que estes símbolos, é como funciona a comunicação humana e como ela evoluiu até as primeiras escritas.

O ser humano nunca viveu sozinho, sempre houve uma “necessidade” de se comunicar e interagir com o próximo. Com o passar dos tempos não era mais só necessário se comunicar, mas também transmitir seus pensamentos e guardar seus conhecimentos. O objetivo geral deste trabalho foi analisar o contexto histórico de como se deu a tradução simbólica do pensamento em signos escritos. Os objetivos específicos que direcionaram esta pesquisa foram: Tentar descrever a estruturação do pensamento humano conforme revisão bibliográfica; analisar o contexto histórico da estruturação do pensamento humano que elucidem o surgimento das primeiras escritas e compreender como se deu a trajetória da passagem da palavra falada para a palavra escrita.

Este trabalho se apresenta como uma pesquisa bibliográfica sobre o surgimento da escrita, para isso será analisado o desenvolvimento de duas civilizações antigas –egípcia e suméria- desde seu desenvolvimento cultural até a utilização de símbolos como escrita. A metodologia para a realização deste trabalho partiu de uma pesquisa básica, de caráter exploratório e experimental, e tem como base a revisão bibliográfica. A metodologia de uma pesquisa é definida por Lakatos (1995) como:

[...] O conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando decisões [...] (LAKATOS, 1995, p. 82).

Conseqüentemente o trabalho teve então seu desenvolvimento feito através das seguintes etapas propostas: pesquisa bibliográfica sobre o tema, o qual ajuda a desenvolver os objetivos definidos, análise dos conteúdos adquiridos pelas fontes a qual Gil (2010) aconselha a utilizar:

[...] material já publicado [...] como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia em virtude da disseminação de novos formatos de informação estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes [...] como material disponibilizado na internet [...]. (GIL, 2010, p. 29).

Desta maneira este trabalho foi composto por uma pesquisa bibliográfica em sua maioria composta por livros, mas também foi realizada pesquisa em artigos e trabalhos acadêmicos que tratassem sobre o tema proposto. Foi utilizado busca em bibliotecas físicas e virtuais, a fim de conseguir uma boa base de leitura para o desenvolvimento do trabalho. Os objetivos assim foram alcançados pela análise das informações que foram obtidas pela pesquisa bibliográfica encontrada e estudadas. E após esse levantamento, os pontos foram analisados e comentados a fim de elucidar o objetivo principal da pesquisa.

A primeira parte visou compreender e tentar elucidar como se desenvolveu a comunicação humana, suas características e visões, como se introduziu a linguagem, o que ela aborda e como é vista a escrita no estudo da linguagem. Na segunda parte do trabalho, foi abordado as culturas antigas, seus surgimentos, organizações, crenças e como suas escritas foram criadas e eram utilizadas, abordando também as principais descobertas arqueológicas dessas civilizações e como foi o processo de decifração dessas escritas para o idioma atual. Ao final foram apresentadas as considerações finais as quais analisam as informações encontradas sobre comunicação, linguagem e escrita, como foi o processo de busca de informações para a realização deste trabalho, dificuldades encontradas e sugere ainda possíveis linhas para outras pesquisas sobre o tema.

2 O PENSAMENTO HUMANO E A HISTÓRIA

A seguir serão apresentadas algumas conceituações, que foram desenvolvidas para melhor compreensão dos fatos levantados sobre o tema.

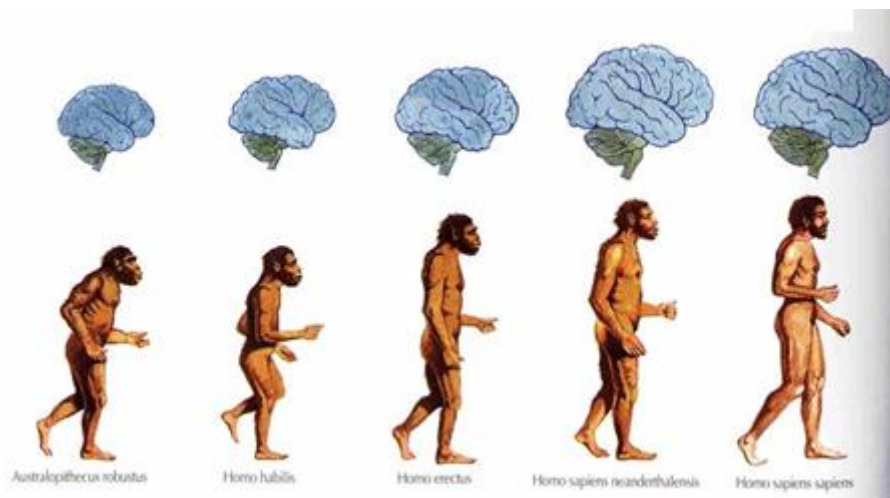
Podemos começar pelo que seria a comunicação. Sabemos que comunicação não verbal é um dos primeiros instintos que o ser humano possui ao nascer, um bebê ao gesticular e sonorizar mesmo sem entendermos, está se comunicando à sua maneira. Com esse pensamento, podemos entender que mesmo sem um método de escrita próprio, desde o período mais antigo nossa espécie já estava se comunicando, segundo Mercadante (1990):

É possível, que de início, gestos imprecisos fossem acompanhados por um balbuciar de sons. Conforme o gesto apropriado para exprimir o pensamento era encontrado, o balbuciar transforma-se em símbolo sonoro. Finalmente a gesticulação e os ruídos são substituídos por sinais sistemáticos e por palavras. (MERCADANTE, 1990, p. 13)

Como a evolução da comunicação não é um processo comprovável por documentos, não há nenhuma forma de provarmos realmente como se deu essa evolução, portanto estaremos falando sobre suposições. A linha aqui abordada é a de que com o avanço da evolução humana houve uma necessidade em obter um “controle da informação”, um exemplo seria o Neandertal, chamado de homem das cavernas, ao saber dos perigos que lhe rondavam, teve que criar meios para assim poder avisar os outros de sua tribo sobre esse fato.

Mas por que foi a partir dos Neandertais que tal “habilidade” começou a ser desenvolvida? Alguns teóricos como Mithen (2002) sugerem que foi devido ao desenvolvimento do esqueleto humano. Não era por ser uma incapacidade anterior, mas sim, devido ao tamanho do crânio e conseqüentemente do cérebro, pois eles ainda não teriam todos os componentes necessários para desenvolver pensamentos complexos e significativos. Podemos até sugerir que foi devido a essa necessidade de informação que fez o tamanho do cérebro humano crescer, pois sabemos que muitos seres vivos tiveram mudanças na sua constituição física para se adaptar a evolução do planeta.

Figura 1 - Evolução da mente



Fonte: Mulero (2016)

Porém, o que se entende por “comunicação”? Segundo Berlo (1999) é o ato de ser entendido por outro ser, podendo ou não ser verbal. As pessoas se comunicam umas com as outras por vários motivos e utilizando-se de diferentes linguagens para tal, é assim que crescemos e evoluímos em nossas relações, cada grupo humano no globo terrestre desenvolveu uma comunicação diferenciada, não sendo somente a geografia e a cultura que nos diferenciam, mas também pode ser as nossas idades. Entretanto, podemos agir de modo igual um ao outro ou entender determinada ação realizada. Comunicação não é somente saber a mesma língua, mas é compreender e transmitir o pensamento de um para o outro.

Não podemos nos ater ao fato de que para haver comunicação deve se ter somente um meio de transmiti-la. Segundo Maturana e Varela (2001, p. 26) isso se trata da metáfora do tubo “[...] segundo a qual a comunicação é algo que se produz num ponto, é levado por um tubo (ou conduto) e é entregue no outro extremo, o receptor. Portanto, há um algo que é comunicado e faz parte daquilo que se desloca pelo tubo.” Para haver comunicação não é necessário depender somente da “informação” que é entregue, mas como ela é interpretada pelo receptor. Para Oliveira (2011)

Berlo (1999) afirma que nós nos comunicamos para influenciar e sermos influenciados, pois temos uma necessidade de nos expressar e por ela criamos vários sistemas de comunicação diferentes uns dos outros para que assim possamos chegar a um número ilimitado de pessoas possível. Porém, é só por isso que nos

comunicamos? Podemos deixar de nos comunicar? Segundo Berlo (1999) não é tão simples:

Difícilmente podemos deixar de nos comunicar, com ou sem propósito conhecido. Desde a infância aprendemos e praticamos as técnicas verbais e não-verbais de influenciar ou manipular o ambiente. Estes padrões de comportamento se tornam tão entranhados, tão habituais, que muitas vezes não percebemos a insistência com que procuramos manipular. Realmente, o nosso sistema de valores pode desenvolver-se de maneira tal que não gostamos de reconhecer que somos “manipuladores”, mesmo no sentido em que usamos a palavra. O que aqui se sugere é apenas que precisamos concentrar a atenção na análise da intenção, se quisermos conferir nossa conduta pelo nosso objetivo, a fim de determinarmos se estamos nos portando de forma efetiva. (BERLO, 1999, p. 13)

Mesmo inconscientemente temos uma mensagem a transmitir, mas às vezes devido a esse “hábito” em nos comunicarmos, podemos não saber como transmitir corretamente a mensagem desejada. Um exemplo dessa situação, segundo Berlo (1999), é quando um professor pensa só em dar toda a matéria e não mais em como isso irá afetar seus alunos. Devemos então começar a pensar na comunicação como uma passagem de conhecimento, e ao final perguntamos: “como será recebida essa informação pela outra pessoa?”. Aqui entramos num outro ponto de estudo da comunicação, aprendizagem de informação.

A semiótica é o estudo dos signos, suas interpretações e significados. A interpretação de signos e da informação que eles contêm sempre esteve presente historicamente, mas foi a partir do início do século XX com os trabalhos de Charles S. Peirce e os de Ferdinand de Saussure, que este campo de estudo começou a ser chamado de semiótica. Ambos os autores estudaram e desenvolveram a semiótica, - porém com visões um pouco divergentes - devido a isso ambos são considerados “pais” da semiótica. Nesta parte para entendermos um pouco o papel da semiótica serão mostradas brevemente ambas as linhas de estudos, mas utilizaremos somente a teoria de Saussure para darmos continuidade ao raciocínio do trabalho devido a sua percepção sobre as informações dos signos serem mais correlatas a função da escrita.

A teoria de Peirce afirmava que para entender um signo dependemos de três fatores: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade seria uma possibilidade, a secundidade seria um concreto e a terceiridade seria uma totalidade. Peirce (1990) explica esses fatores como tricotomia:

Os signos são divisíveis conforme três tricotomias, a primeira, conforme o signo em si mesmo por uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral; a segunda, conforme a relação do signo para com seu objeto consistir no fato de o signo ter algum caráter em si mesmo, ou manter alguma relação existencial com esse objeto ou em sua relação com um interpretante; a terceira, conforme seu interpretante representá-lo como um signo de possibilidade ou como um signo de fato ou como um signo de razão. (PEIRCE, 1990, p. 51)

Portanto, um signo possui três tipos de informação, a informação contida nele pelo seu formato ou razão; a informação para a qual ele se destina, o princípio da existência dele, e a terceira a informação que seu interpretante (o termo utilizado por Peirce para a pessoa que está analisando o símbolo) tira dele. Por conseguinte, não basta somente a informação que o símbolo possui, mas também a informação ao qual ele foi criado e por fim a interpretação de quem o está analisando. Assim, segundo Peirce, cada interpretante tem uma visão diferenciada da mesma informação, mesmo quanto a função para o qual o símbolo foi criado, temos que considerar o objeto com o qual o símbolo está sendo representado e por fim a interpretação que ele será exposto para cada interpretante.

Para a ciência da informação, a teoria de Pierce é mais cabível devido ao fato de que a informação não possui somente um significado, segundo Oliveira (2011) “no conceito de informação proposto, não buscamos a essência da informação, pois ela não se esgota em si própria, existe sempre um componente de experiência que a modifica cada vez que ela é acessada”. Oliveira (2011) ainda ressalta que:

O conceito de objeto do signo permite derivar uma primeira proposição. Do ponto de vista da semiótica, a distinção excludente entre documento arquivístico, documento biblioteconômico ou documento da cultura material, ou imaterial, não se sustenta, porque não faz referência ao objeto dinâmico – ao documento na sua materialidade – mas sim ao objeto imediato, um já-quase-signo. Então, considerando o objeto imediato do signo, todo e qualquer documento pode ser estudado e tratado pela Ciência da Informação, inclusive a cultura material (OLIVEIRA, 2011, p. 5)

Assim para a biblioteconomia o estudo de signos semióticos é tão importante quanto a preservação da informação, pois não podemos nos ater somente nos suportes da informação, mas sim em como essa informação foi criada, transmitida e como ela será recebida pelo seu solicitante. Portanto, entendermos como se deu a criação da escrita e como acessar as informações registradas é tão importante quanto saber gerenciar o fluxo crescente de informações no mundo.

A teoria de Saussure, que era um linguista, melhor descreve como se dá o entendimento da escrita pois parte-se do princípio de que os símbolos sempre continham informações para comunicação entre os povos. Por isso eles sempre serão confrontados pelo alfabeto e até por códigos militares. Os estudos de Saussure são voltados para os signos linguísticos, onde há somente duas informações, a forma do símbolo consiste já na informação ao qual ele está passando. Eco (2009) explica que para Saussure:

[...] a língua é um sistema de signos que exprime ideias, [...] ela é simplesmente o mais importante de tais sistemas. [...] Signo tem a definição de uma entidade de dupla face, antecipou e determinou todas as definições posteriores de função sintática. [...] a relação entre significante e significado se estabelece com base em um sistema de regra, a semiologia saussureana parecia uma rigorosa semiologia da significação. Assim, o signo é implicitamente considerado como um artifício comunicativo de dois seres humanos comunicando-se e exprimindo algo. (ECO, 2009, p. 10)

Consequentemente, a teoria de Saussure não dá margem para informações divergentes sobre o mesmo símbolo pois analisa a linguagem. O símbolo foi criado ou descoberto para uma determinada função linguística, assim sendo, a informação será somente aquela.

Saussure ainda define duas características para o signo linguístico: a primeira, a arbitrariedade do signo, em que não pode ser mudado por qualquer outra coisa que não a imagem já delineada por seu significado; e o segundo, o caráter linear do significante, mesmo o símbolo parecendo diferente do significado ao qual ele quer exprimir, o significante sempre será paralelo ao símbolo, ou seja, a informação será a mesma de símbolo e significante.

Segundo Santaella e Nöth (2004) a semiótica estuda os signos, sendo esse o ponto que deixa nítido seu encontro com a comunicação, assim a semiótica independente de qual princípio for utilizado, é sem dúvida uma fonte rica de informação sobre os signos, sejam eles linguísticos ou não, durante o processo de comunicação. Existem vários estudos que podem sugerir uma teoria da comunicação sem citar a semiótica, mas acreditamos ser importante reconhecer que ela nos mostra outras formas de entendimento sobre o tema.

Por tanto, podemos entender através da teoria de Saussure que a comunicação só possui uma forma de entendimento, a qual o símbolo tem o mesmo significado da informação que ele transmite, mesmo se a pessoa tiver outra forma de pensamento ela conseguira acessar a mesma informação.

A linguagem verbal é a comunicação que compreende um conjunto de símbolos significativos, como Berlo (1999) afirma, nós ordenamos esses símbolos, dispomos deles como queremos e impomos uma estrutura a esse arranjo, ele complementa que:

A linguagem é um sistema e compreende elementos e estruturas. Como em qualquer sistema, podemos definir as unidades elementares e estruturados em muitos níveis, conforme o objetivo. Em qualquer nível, todavia, a linguagem abrange um conjunto de símbolos (vocabulário) e métodos expressivos de combinar essas unidades (sintaxe). A *gramática* é a descrição das características estruturais do idioma. (BERLO, 1999, p. 181)

Com o surgimento da linguagem verbal foi necessária uma forma de controlar e guiar sua utilização, para assim termos um modo de passar não somente nossas informações, mas também para ensinar a utilizar essa forma de comunicação. Todo ser humano é capaz de desenvolver uma linguagem verbal. Mesmo os povos mais isolados possuem uma linguagem verbal própria como afirma Bomfoco (2012):

A linguagem é universal. Quer dizer, todo o ser humano, por princípio, tem acesso à linguagem. As crianças de diferentes culturas começam a formar palavras e frases mais ou menos na mesma idade, seguindo, como observaram os linguistas, caminhos surpreendentemente similares na aquisição da linguagem. (BOMFOCO, 2012, p.15)

Conforme Oliveira (2015) antigamente o tempo era marcado pela passagem das estações, pela troca de lua, pelos ciclos de vida e morte e ao se criar a escrita ela foi baseada nos sons e formas da natureza. Higounet (2003), diz que a escrita é mais do que uma ferramenta para linguagem, ela encerra e ressuscita a todo o momento o pensamento humano. Com o surgimento da escrita houve uma preservação maior da comunicação, agora ela não dependia somente da passagem de um para outro, o conhecimento estaria presente em vários formatos para ser acessado. Após o surgimento da escrita, por muito tempo ela foi vista como a fonte de poder, as informações escritas eram mais críveis do que as faladas como apontam Bowman e Woolf (1998):

Acreditamos que a cultura escrita nos permite o total desenvolvimento de nossas potencialidades, quer como indivíduos quer como sociedade, e que, de maneira inversa, a ausência dessa cultura é a causa principal do fracasso pessoal e do "atraso" econômico e político. Os documentos escritos nos são mais valiosos que a palavra falada, tanto nos contratos financeiros quanto nas publicações acadêmica. (BOWMAN; WOOLF, 1998, p 5)

Pode se ter iniciado sem grandes propósitos, e não com o objetivo de alcançar esse controle, mas junto com o crescimento das culturas, a escrita foi ganhando cada vez mais força e significado. Se antes ela era vista como uma forma de aviso ou para preservar os conhecimentos passados, no decorrer dos impérios históricos ela era somente para conhecimento e uso de membros do alto escalão. Não seria então a escrita uma forma de censura ou controle da comunicação? Talvez, mas como sabemos a escrita não é o único meio de comunicação, e ela começou a perder seu prestígio no início do século XX, quando linguistas como Ferdinand Saussure, defenderam a proeminência da língua falada sobre a escrita, como explica Bomfoco (2012):

Entre os argumentos comumente apresentados para justificar a primazia da língua falada sobre a língua escrita, destacam-se os seguintes: a fala é milhares de anos mais antiga do que a escrita; a fala é adquirida naturalmente pelas crianças (enquanto a escrita deve ser ensinada artificialmente); e afinal, os sistemas de escrita são derivativos, isto é, são em sua maioria baseados nos sons da fala. (BOMFOCO, 2012, p. 42)

Com isso vemos que a escrita é uma ferramenta de grande poder, pois ela nos permitiu guardar e transmitir conhecimentos que na oralidade seriam esquecidos se não guardados, pois se perderiam durante o desenvolvimento das novas sociedades e no aumento das crescentes informações do nosso mundo atual. Na área da Ciência da Informação devemos estar sempre atentos à criação de novos suportes de guarda e preservação da informação, mas devemos também zelar pela informação que nos dá a capacidade de compreender os registros históricos, pois a escrita não é universal igual a linguagem, ela precisa ser ensinada e devemos aprendê-la para que possamos utilizá-la.

3 ORIGEM DA ESCRITA

Primeiramente devemos compreender que para considerarmos algo como escrita, ele deve possuir a capacidade de guardar a comunicação daquele povo, pois como Higounet (2003) explica:

[...] escrita é mais que um instrumento. Mesmo endurecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano. (HIGOUNET, 2003, p. 9-10).

Assim, retornamos ao período chamado na história de Antiguidade, mais precisamente a chamada Antiguidade Oriental, período esse que se classifica sendo por volta de 4000 a.C. também considerado como o período antecessor à escrita. Mesmo sem uma escrita e sem um grande desenvolvimento dos povos, esse período já possuía seu meio de comunicação através do que segundo Arruda e Piletti (1995) chamam de “documentos não-escritos, como restos de armas, utensílios, pinturas e desenhos”. Esses desenhos podiam ser definidos como a forma de escrita utilizada por esses povos, porém Oliveira (2009) explica que:

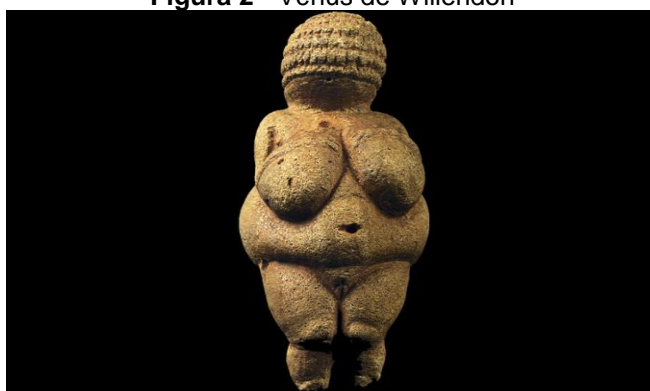
[...] essas manifestações não se tratam apenas de fruição estética, já que aparecem, ou estão escondidas, em lugares de difícil acesso, nas profundezas de cavernas, no alto de abrigos quase inalcançáveis ou nas paredes de vales de antigos rios. Mas também não se resume a um tipo de escrita, pois a comunicação pressupõe o acesso ou a transmissão de sinais que sejam captados por alguns dos nossos sensores. (OLIVEIRA, 2009, p. 296)

Para Upjohn, Wingert e Mahler (1980, p. 34) os desenhos nas cavernas na região da América do Norte, África e Ásia eram em sua maioria a representação de animais selvagens, pois o clima era “mais frio e seco: onde mamutes, bisontes, renas e cavalos selvagens constituíam a caça abundante dos primeiros caçadores”. É muito difícil saber quais eram os pensamentos da época, podemos somente supor como era a vida nesse tempo. Uma das teorias de arqueólogos era que as partes nas grutas que possuíam desenhos eram consideradas como salas sagradas, como relatam Upjohn, Wingert e Mahler (1980):

[...] salas quase inacessíveis do fundo da gruta, o que permite pensar que essas salas eram santuários ou locais de cerimônias e foram sem dúvida utilizadas como tal durante períodos muito longos. Temos de contentar-nos com hipóteses sobre a natureza das crenças que originaram essa arte, mas, uma vez que os assuntos representados são, com poucas exceções, os animais de que se alimentavam esses povos primitivos, podemos ver neles representações mágicas destinadas assegurar uma caça frutuosa. (UPJOHN, WINGERT e MAHLER, 1980, p. 41)

Muitos artefatos como estatuetas foram encontradas junto com utensílios de pedra talhada e incisões nas paredes que sugerem esse culto ao divino pelos povos antigos, uma das estátuas mais antigas encontra é a Vênus de Willendorf.

Figura 2 - Vênus de Willendorf



Fonte: Google Arts & Culture [2017]

Podemos então, afirmar que através desses desenhos a humanidade já possuía um meio de comunicação próprio. Inúmeros achados demonstram que o homem tinha um grande conhecimento de caça e guarda de alimentos, além de possíveis crenças e de um sistema de comunicação não verbal. E com o passar do tempo foi com o povo Sumério que apareceu uma das primeiras escritas primitivas conhecidas: a cuneiforme.

3.1 Os Sumérios da antiga Mesopotâmia e a escrita cuneiforme

Por muitos séculos não se tinha conhecimento sobre a existência dos sumérios, em textos antigos foi descoberto que até para algumas civilizações antigas o povo sumério era já tratado como lenda, como relata Lissner (1961):

Heródoto jamais ouviu falar dos sumerianos. Bérose, sábio babilônico que viveu pelo ano de 250 antes de Jesus Cristo, deles só teve conhecimento por vagas lendas. Fala de um povo de monstros que, conduzido por um tal de

Oanne, vinha do Golfo Pérsico. Foi somente dois mil anos após Bérose que se veio a descobrir a Suméria. (LISSNER, 1961, p. 19)

O motivo para tal fato não nos é claro, mas com o decorrer dos anos e pelo crescimento de descobertas arqueológicas viu-se que o povo sumério foi por algum tempo um povo nômade. Apontam que a possível vinda deles seja do Leste, e assim tenham migrando lentamente para o ocidente, antes de chegar à Mesopotâmia. Após se fixarem na Mesopotâmia os sumérios começaram o seu desenvolvimento como povo, criaram o que foi chamado de cidades-estados sendo as mais conhecidas: Kish, Ur, Uruk e Nipur.

Figura 3 - Mapa da Antiga Suméria



Fonte: Vilar (2016)

Os sumérios eram um povo extremamente religioso, eles acreditavam que suas divindades tinham total poder sobre suas vidas e prosperidade do povo e suas cidades. As cidades-estados eram governadas pelos “barus”, padres e oráculos, de seu povo, como relata Lissner (1961):

[...]eram oniscientes; durante três mil anos, guiaram os destinos de seu povo; a hepatoscopia estava a base de suas predições. [...] O destino e a divindade formavam um só todo. Ao deus pertenciam a cidade e a totalidade das terras aráveis. Dispensava ele a felicidade, o infortúnio, os benefícios ou a morte. Os sumérios tinham uma confiança cega na divindade protetora de sua cidade e nos deuses secundários; serviam-na e estavam prontos em fazer por ela seu sacrifício. (LISSNER, 1961, p. 23)

























Cada cidade era protegida e governada por um deus distinto uma da outra, nelas os sumérios criam os chamados “ziggurat” templos dedicados a cada divindade regente, fato esse que coloca os sumérios também entre os primeiros povos que criaram grandes altares onde se supõe que a divindade poderia se manifestar. Mas como muitas civilizações antigas, os sumérios começaram a “sumir” após serem invadidos e conquistados por outros povos. Acredita-se que foi a partir da invasão pelos semitas que se deu o fim da civilização sumeriana. Durante seu crescimento como cidades-estados, os sumérios também desenvolveram o que é considerado uma das primeiras escritas por símbolos encontradas da humanidade, a escrita cuneiforme - dado esse nome devido a sua forma de cunha – sendo ela considerada como escrita, devido ao que Higounet (2003) relata:

[...] seus sinais, impressos, mas que traçados, nas tabuletas de argila com um junco cortado obliquamente segurado com a mão fechada, mais raramente gravados sobre pedra, se apresentam, com efeito, ordinariamente sob a forma de combinações de pregos triangulares. (HIGOUNET, 2003, p. 29).

A escrita cuneiforme foi a princípio uma escrita pictográfica e ideográfica, por representar primeiramente como se via o objeto, ou seja, a imagem eram exatamente como se via na realidade, o desenho de um pássaro significava o pássaro, explicado por Bottero (1995):

Tal é a condição primeira, o estado nativo da escrita cuneiforme no seu aparecimento, alguns séculos antes de 3000. Nós a chamamos de “pictográfica” por referência à origem e ao traçado de seus caracteres, e de “ideográfica” para insistir em seu processo semântico radical: reagrupamento de uma constelação de sentidos ao redor de uma representação central. (BOTTERO, 1995, p. 14)

Figura 4 - Escrita Cuneiforme

	Warka	Djemdet Nasr	Cuneiforme primitivo	Cuneiforme clássico
cabeça				
mulher				
astro céu deus				
sol dia				
peixe				
boi				

Fonte: Higounet (2003, p. 35)

A escrita cuneiforme evoluiu internamente, a fim de não ter um aumento nos símbolos que seriam necessários para se comunicar. Por conseguinte, essa evolução trouxe a utilização de traços nos desenhos já utilizados para que assim o sentido que era antes empregado se tornasse outro. O segundo método utilizado foi a da junção de dois símbolos para se criar o sentido de um novo. Os sumérios utilizavam esse segundo método para informar funções: como por exemplo, a utilização do símbolo de homem e do de campo juntos formavam o sentido de lavrador. Porém isso não afirma que foi se criando um alfabeto, as escritas sumérias como afirma Bottero (1995) não tinham nenhuma finalidade além de expressar a realidade vivida por aquele povo:

[...] se tratava apenas de uma escrita de coisas: os significados diretos desses caracteres não eram as palavras de uma língua mas, em primeiro lugar e de modo imediato, as realidades expressas por essas palavras. (BOTTERO, 1995, p. 14)

A escrita suméria foi utilizada também pelos acádios após sua invasão, o que resultou na compilação do sistema de símbolos utilizados pelos dois povos. Assim, tornando os mesmos sinais em ambas as culturas, a mesma imagem e mesma pronúncia. Da mesma forma que muitos povos antigos não eram todos que sabiam e utilizavam as escritas, somente quem utilizava tinha o conhecimento, dessa forma

eram somente “os letrados, os escribas e os copistas, esses “marcadores de tabuinhas”, como se dizia em sumério.” (BOTTERO, 1995, p. 19), nada informa que isso era um modo de centralizar o conhecimento afim de que o povo não saberia sobre os acontecimentos da cidade, mas sim porque a escrita suméria não era “ensinável” seu propósito era pura e simplesmente para guiar funções:

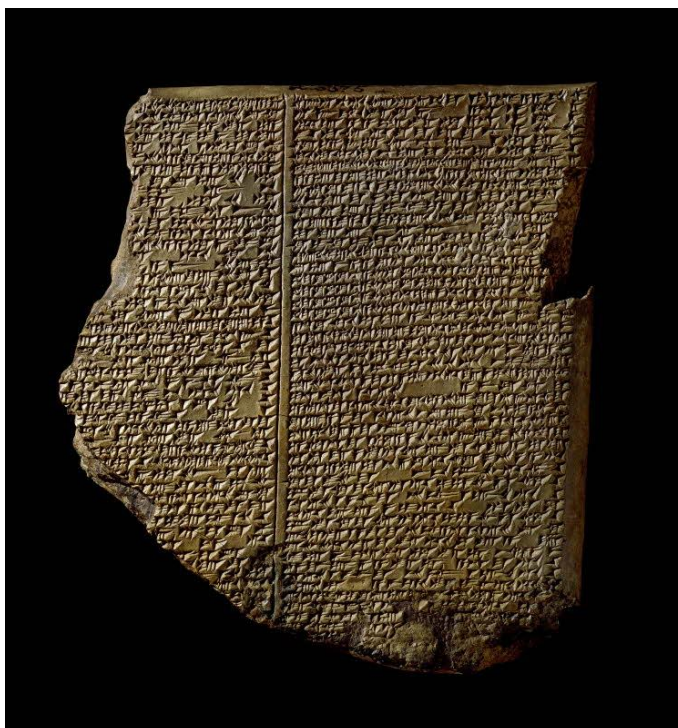
[...] na sua condição nativa a escrita ideográfica mesopotâmica, totalmente imersa no concreto figurável ou evocável e tendo por significados apenas realidades rudimentares, era ainda incapaz de realizar outra função além da de sumário: própria para lembrar o conhecido, mas mais ou menos inapta para ensinar o novo. (BOTTERO, 1995, p. 15)

O povo sumério foi de grande inspiração para os povos antigos, cada vez que foram encontradas mais informações sobre este povo mais foi possível entender como era a vida na antiguidade, suas organizações, modo de vida, crenças, e principalmente suas criações, a mais importante sendo a escrita cuneiforme que foi decifrada por Henry C. Rawlinson, através das inscrições da Rocha de Behistun.

Um dos achados mais antigos da humanidade é a Épica de Gilgamesh, ela foi escrita em cuneiforme-acadiana e é a obra literária mais antiga da humanidade. Nela é narrada a história do quinto rei que governou a cidade de Uruk pertencente a antiga civilização da Mesopotâmia. Segundo Vilar (2010) descobertas revelam que realmente houve um rei chamado Gilgamesh que governou por 126 anos a Suméria.

No conto, Gilgamesh era filho de Lugalbanda (um pastor, mas visto na obra como deificado) com a deusa Ninsun, e por isso era conhecido por ser composto de duas partes de deus e apenas uma de mortal. Na primeira parte da obra, Gilgamesh era um tirano, que utilizava seus atributos divinos para intimidar seu povo, mas após conhecer um oponente de força igual a sua ele começa a compreender que não é tão poderoso, e tem sua primeira dose de humildade, assim entrando no segundo arco da história como rei justo. Para Franchini e Seganfredo (2008) a obra é considerada a melhor obra literária da mente humana, pois nela não conhecemos somente a história da vida de Gilgamesh, mas conhecemos mais sobre as crenças sumérias, pois são retratados alguns deuses que cruzam o caminho de Gilgamesh.

Figura 5 - Épica de Gilgamesh



Fonte: British Museum [2017]

As tábuas que continham a história de Gilgamesh foram encontradas durante escavações realizadas no séc. XIX, quando Austen Henry Layard, resolveu prolongar sua viagem na Mesopotâmia, lá ele esperava encontrar algumas inscrições pré-históricas, mas como cita A EPOPÉIA (2001) ele encontrou:

[...] uma biblioteca soterrada contendo toda uma literatura perdida, superou suas maiores expectativas. Na verdade, a extensão e o valor da descoberta só foram avaliados posteriormente, depois que as tábuas com caracteres em forma de cunha foram decifradas. Como era de esperar, algumas dessas tábuas se perderam; mas mais de vinte e cinco mil tábuas quebradas, uma quantidade enorme, foram levadas para o Museu Britânico. (A EPOPÉIA..., 2001, p. 5)

Nesse período de descoberta das tábuas na Biblioteca de Assurbanípal, Henry C. Rawlinson já trabalhava na decifração da escrita com a sua própria descoberta a "Inscrição de Dario", encontrada na rocha de Behistun, esta que acabou por ser a chave para ler as escritas cuneiformes. Rawlinson então foi trabalhar no Museu Britânico, e lá começou a traduzir as tábuas encontradas, porém foi em 1853, que a outra metade da Biblioteca foi escavada e lá sim encontraram as 12 tábuas contendo a história de Gilgamesh.

3.2 O Antigo Egito e a os hieróglifos

Existem várias teorias sobre o surgimento da civilização egípcia, uma delas é a unificação de vários povos para a formação do Estado faraônico, que segundo Doberstein (2010) representa a fase de transição:

[...] que teriam se operado, entre as populações que se fixavam ao longo do Nilo, aqueles processos históricos que as teriam preparado para entrar em seu “estágio” avançado de civilização. Tais ocorrências, em alguns casos, foram chamadas de “fatores de êxito” para o surgimento da civilização. Entre tais “fatores de êxito” estariam a revolução agrícola, a divisão social do trabalho (surgimento das elites) e certos avanços técnicos e científicos, como a invenção da escrita. (DOBERSTEIN, 2010, p. 8)

A civilização egípcia antiga desenvolveu-se no nordeste africano (margens do rio Nilo) entre 3.200 a.C. (unificação do norte e sul) a 32 a.C. (domínio romano).

Figura 6 - Mapa Antigo Egito



Fonte: Wikipédia [2017]

O antigo Egito foi sempre cercado por vários mitos e mistérios, os historiadores e arqueólogos sempre surgiam com novas informações e muitas outras dúvidas. A sociedade do antigo Egito era voltada principalmente ao rio Nilo, tanto para o comércio, como era a base fundamental para o desenvolvimento do povo, como ressalta Bakos (2009):

É importante chamar a atenção para o fato de serem as cidades e vilas do Egito faraônico voltadas para o vale do Nilo e para sua nascente, na Núbia, em cujas redondezas foram construídas as cidades-fortalezas. Essa ocupação do espaço, que é estratégica e pensada, materializa a preocupação de explorar as riquezas geradas com as enchentes do Nilo e as provenientes do comércio com o sul, da Núbia ao reino de Kush. (BAKOS, 2009, p. 25)

A sociedade egípcia, assim como a maioria das culturas tinham um sistema de hierarquia bem definido, onde o faraó era a autoridade máxima, abaixo vinham os sacerdotes, militares e escribas. Como os hieróglifos eram considerados uma escrita dos deuses somente os escribas, sacerdotes e os faraós tinham o conhecimento de seus significados. Para grafar sua língua os egípcios inventaram além da hieroglífica, três tipos de escritas, as quais Bakos (1998) nomeia por:

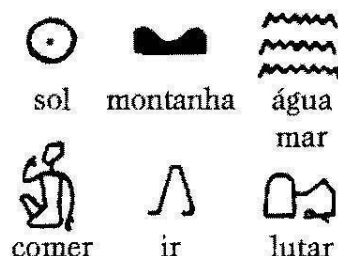
[...] hierática, a demótica e, por último, a cóptica. A primeira, com sua mistura de signos fonéticos e de imagens, é considerada a mais bela entre as grafias conhecidas. Na antiga língua Egípcia, ela era chamada de *n t r*, “palavra de deus”. Os gregos mantiveram, com o termo hieróglifo, o significado original: “escrita sagrada”. As duas outras, a hierática, em grego “escrita dos sacerdotes”, desenvolvida paralelamente aos hieróglifos, e a demótica, naquela língua “escrita do povo”, introduzida na XXV dinastia, em cerca de 650 a.c., podem ser consideradas formas cursivas da escrita hieroglífica. Apropriadas para registros rápidos, elas foram mais utilizadas que a matriz. A escrita hieroglífica, ao redor de 1.070 a.c., praticamente ficou reduzida ao uso nos registros religiosos, em geral, monumentais. (BAKOS, 1998, p. 74-75)

A religião egípcia era repleta de mitos e crenças, segundo Bakos (2014) “os antigos egípcios reconheciam, pensavam e tratavam todos os objetos cósmicos como deuses ou deusas; o sol era adorado como Re, a lua como Thot, o céu como Nut e a terra como Geb”. Acreditava-se que ao morrer os faraós viravam deuses também. O povo egípcio era muito fiel a suas crenças e cultura, acreditavam que os deuses eram responsáveis pela qualidade da vida, pelas guerras e colheitas, por isso eram feitas várias oferendas a fim de agradá-los. Bakos (2014) explica que as cidades egípcias eram construídas em volta do rio Nilo, para que assim eles pudessem ter um maior controle sobre o comércio.

Os egípcios foram criadores de vários instrumentos, sendo os mais conhecidos as folhas de papiro e os pergaminhos. Mas o que mais chama a atenção é a criação mais enigmática feita por eles, a escrita. Há duas teorias para sua origem: ela foi criada naturalmente por esboços pré-históricos da civilização egípcia, ou por meio de imitação de escritas estrangeiras que tiveram contato com a civilização

egípcia. O mecanismo em que consistem os hieróglifos são bem complexos, pois os símbolos podiam significar uma palavra ou o som da imagem.

Figura 7 - Hieróglifos

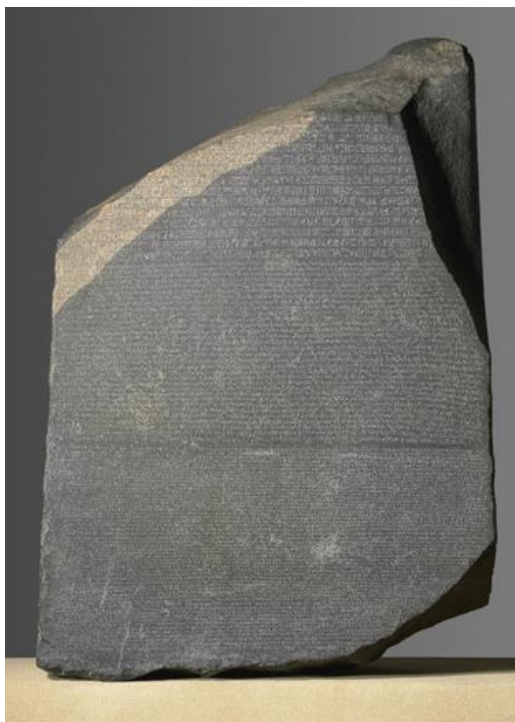


Fonte: Higounet (2003)

Podemos compreender que não basta somente entender o que cada símbolo representa, mas temos que entender o sistema dessa escrita como um todo. A compreensão dos símbolos antigos foi o que permitiu entender como os povos viviam, sem esse entendimento talvez não teríamos como compreender a sociedade na qual eles viveram.

A escrita egípcia - os hieróglifos - por muito tempo foi considerada indecifrável, onde cada símbolo representava uma informação em separado. Não foi até uma expedição de Napoleão em 1799, onde resultou no encontro da Pedra de Roseta, que esse mistério foi resolvido. Arruda e Piletti (1995) explicam essa dificuldade em entender os hieróglifos porquê:

Uma das características da civilização egípcia foi seu isolamento, graças à localização do território, cercado por desertos. O isolamento permitiu o desenvolvimento de traços culturais razoavelmente homogêneos. (ARRUDA; PILETTI, 1995, p. 20).

Figura 8 - Pedra de Roseta

Fonte: British Museum [2017?]

A Pedra de Roseta é um fragmento de uma estela sua composição é de granito negro. Seu nome é uma homenagem à cidade de Roseta, na província egípcia de Al-Buhaira, onde foi descoberta pelo exército de Napoleão, em 1799. Ela continha fragmentos de passagens escritas em três idiomas diferentes: grego, hieróglifos egípcios e demótico egípcio. A pedra é um anúncio sobre o faraó Ptolomeu V, onde se lia que ele era um bom governante seguidor dos deuses, e como deveria ser passada essa mensagem. Mas o grande diferencial da pedra de Roseta era que na parte em grego se falava que esse anúncio era o mesmo nas suas três formas, assim se tornando a chave para a decifração de uma das línguas antigas considerada morta por mais de 2 mil anos, o hieróglifo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos num mundo rodeado de informação, a cada minuto recebemos mais e mais notícias, histórias e acontecimentos no mundo todo, saber lidar com esse fluxo de informações é o trabalho de um bibliotecário, já que ele é um agente da informação. O objetivo desse trabalho era mostrar como se deu o início da comunicação humana, como ela surgiu e quais foram seus primeiros passos até a chegada da escrita. Ao longo do trabalho, vimos que a comunicação sempre existiu e utiliza várias formas de linguagens, não há documentos que comprovem quando se deu seu início e mesmo se houve tal início, podemos só supor que a comunicação se iniciou com os seres vivos, pois todos temos um modo de nos comunicar. Vimos que a comunicação possui várias facetas para estudo, uma mais rica e complexa que a outra, mas todas destinadas a nos instigar a apreender mais sobre ela. Percebemos que linguagem é a forma de comunicação adquirida e apreendida por todos os seres humanos, seja ela verbal ou não, e que o surgimento da escrita, não proporcionou somente o registro das informações, mas acabou por se tornar uma ferramenta durante o crescimento dos impérios antigos.

As primeiras civilizações que temos conhecimento, que foram as criadoras dos primeiros sistemas de escrita foram os sumérios e os egípcios, ambas tinham uma crença muito forte em seus deuses, e para ambas o conhecimento da escrita era reservado somente para os membros do alto escalão. Para os sumérios esse conhecimento era estabelecido desta forma devido ao fato que a escrita não era para ser um modo de aprendizado, mas sim um lembrete de seus costumes. Já para os egípcios, por apresentarem uma crença em deus tão forte, acreditamos que essa divisão de conhecimento era para manter a “escrita dos deuses” pura, aqui concluído como uma suposição, pelo fato de ser uma dificuldade achar bibliografias que falem sobre como era o pensamento da época. Os poucos livros achados sobre a utilização da escrita, retratam como era a vida nessas civilizações passadas, como era a organização das cidades, suas hierarquias, os deuses e inventos, mas podemos assumir que tais dificuldades em achar fatos concretos sobre o desenvolvimento dos povos na época, sejam justamente por ainda não dispormos de achados arqueológicos que retratem essa trajetória, se é que eles foram escritos.

Uma das coisas que aprendemos ao fazer essa pesquisa, é que a escrita preserva a informação, mas ela própria tem um fim, a linguagem verbal está sempre se transformando e evoluindo, os governos ao longo dos anos fazem tratados ortográficos, o que acaba por modificar a escrita e sua pronúncia, e vemos que ao não aprender as antigas escritas ou saber mais sobre elas não alcançamos o conhecimento suficiente para acessar aquelas informações.

Então, se as escritas antigas ainda continuam sendo este grande enigma para acessar o conhecimento, como a escrita pode ser uma ferramenta tão necessária para o estudo, guarda e preservação da informação? Na cadeira de Paleografia cursada durante o curso, aprendemos sobre essas mudanças na escrita, e como por mais que lemos e escrevemos em português, não iremos compreender totalmente um texto escrito no século XVIII. Não seria também a linguagem eletrônica um perigo para a escrita? Onde está cada vez mais estamos escrevendo em abreviaturas, e também parece que estamos voltando para as escritas pictográficas, por acharmos mais fácil mandar um *emoji* de rosto triste a escrever a que estamos tristes.

Este tema poderia ser mais aprofundado em outros estudos, atualmente temos vários diálogos sobre o futuro do livro ou o fim do papel, livros ou *E-readers*? Mas e a escrita? Será que ela também terá um fim? Vimos que a linguagem verbal não tem fim, ela está sempre evoluindo, mas a escrita se não ensinada e seu conhecimento mantido, corremos o risco de perder a informação que está nela registrada.

Concluimos que a comunicação e suas formas de linguagens estão sempre presentes com o ser humano, sabemos que há 10 mil anos as sociedades já possuíam conhecimento e crenças, o que nos atestam achados arqueológicos que podem servir para comprovar esse fato, mas foi talvez pelo temor de perder esses conhecimentos que se passou a registrar a linguagem em forma de escrita. A escrita pode ter uma origem relativamente recente, porém hoje sabemos que a sua preservação e estudo contínuo é fundamental. Ela é uma ferramenta importante para o crescimento da nossa civilização, foi a partir de seu surgimento que apareceram os primeiros impérios e leis, com ela não transmitimos somente nossos pensamentos mas garantimos que por agora e enquanto ela for “atual”, nossa história está bem guardada e preservada e um dia talvez teremos de volta o conhecimento das escritas antigas e assim

conseguiremos saber como era a vida nos períodos mais antigos e até mesmo mais de sociedades por nós totalmente desconhecidas.

REFERÊNCIAS

- A EPOPÉIA de Gilgamesh.** São Paulo: Martins Fontes, 2001 Disponível em: <<http://mkmouse.com.br/livros/AEpopoiadeGilgamesh-Anonimo-MartinsFontes.pdf>> Acesso em: 16 nov. 2017.
- ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a história:** história geral e história do Brasil. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BAINES, John; MÁLEK, Jaromir. **A civilização egípcia.** Barcelona: Folio, 2008.
- BAKOS, Margaret Marchiori. **Fatos e mitos do antigo Egito.** 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- BAKOS, Margaret Marchiori. Hieróglifo, história e princípios básicos. In: **III Jornada de Estudos do Oriente Antigo:** Linguas, Escritas e Imaginarios. BAKOS, Margaret Marchiori; POZZER, Katia Maria Paim. (Coord), [anais]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- BAKOS, Margaret Marchiori; BARRIOS, Adriana Masciadri. **O povo da esfinge.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- BERLO, David Kenneth. **O Processo de Comunicação:** Introdução à teoria e à prática. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 9, 2008, São Paulo. Anais, São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <<http://www.enancib2008.com.br>>. Acesso em:16 nov. 2016.
- BOMFOCO, Marco Antônio. **Introdução à linguística.** Porto Alegre: Brejo - bibliobureau, 2012.
- BOWMAN, Alan K.; WOOLF, Greg. Cultura escrita e poder no mundo antigo. In: BOWMAN, Alan K.; WOOLF, Greg. **Cultura escrita e poder no mundo antigo.** São Paulo: Ática, 1998.
- DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **O Egito antigo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010 Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/oegitoantigo.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.
- ECO, Humberto. **Tratado geral de semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2009.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Leitura sem palavras.** 4.ed. Sao Paulo: Ática, 1997.
- FRANCHINI, A. S; SEGANFREDO, Carmen Alenice. **Gilgamesh:** o primeiro herói mitológico. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HIGOUNET, Charles. **A história concisa da escrita**. São Paulo. Parábola Editorial, 2003.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

LEVÊQUE, Pierre. **As primeiras civilizações**. 3. vol. Lisboa: Editora 70, [1990].

LISSNER, Ivar. **Assim viviam nossos antepassados**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

Mapa Antigo Egito. Wikipédia. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antigo_Egito> Acesso em 19 dez 2017.

MATURANA Romecin, Humberto; VARELA Garcia, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MELLA, Federico A. Arborio. **O Egito dos faraós: história, civilização, cultura**. São Paulo: Hemus, 1981.

MERCADANTE, Antonio Alfredo. **História é vida: as sociedades antes da escrita, antigas e medievais**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

MITHEN, Steven J. **A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**. São Paulo: UNESP, 2002.

MONTANGERO, Jacques, NAVILLE-MAURICE, Danielle. **Piaget ou a inteligência em evolução**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MULERO, Kleber. **De Beatles a Raul Seixas; Lucy: Usamos Realmente Apenas 10% do Cérebro?**. Disponível em: <<http://culturapopociencia.blogspot.com.br/2016/02/>> Acesso em: 15 dez 2017.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Arte Rupestre como Signo: uma abordagem semiótica do fenômeno infocomunicacional**. In: Congresso Internacional de Arte Rupestre, XII, 2009, São Raimundo Nonato/PI. *Anais..* Disponível em: <<http://docs10.minhateca.com.br/180293930,BR,0,0,OLIVEIRA-2009-A-arte-rupestre-como-simbolo.pdf>> Acesso em: 15 dez 2017.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Informação e semiótica**. In: Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista, 2011. [suporte eletrônico]. Disponível em: <<http://www.semeiosis.com.br/u/42>>. Acesso em 20 jan 2017.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. Registro da informação: consciência, materialidade e código da escrita. **Em Questão**. Porto Alegre, vol. 21, n. 3 (set./dez. 2015), p. 235-249 Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000982212&loc=2016&l=5adf7b2251b0cb77>> Acesso em: 15 dez 2017.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

Rosetta Stone. BRITISH MUSEUM. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=16456004&objectId=117631&partId=1> Acesso em: 15 dez. 2017.

SAMPSON, Geoffrey; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Sistemas de escrita**: tipologia, história e psicologia. São Paulo: Ática, 1996.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As teorias da comunicação**: da fala à internet. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

The Gilgamesh Tablet. BRITISH MUSEUM. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=309929&partId=1> Acesso em: 15 dez. 2017.

UPJOHN, Everard M.; WINGERT, Paul S.; MAHLER, Jane Gaston. **História Mundial da Arte**. 6 v. São Paulo: Difel, 1980.

VILAR, Leandro. Mapa da Suméria. In: **Mesopotâmia: o berço das cidades**. Blog Seguindo os passos da história. Disponível em <<http://seguidopassoshistoria.blogspot.com.br/2016/03/mesopotamia-o-berco-das-cidades.html>> Acesso em 20 nov 2017.

Vênus De Willendorf. GOOGLE ARTS & CULTURE. Disponível em: <<https://www.google.com/culturalinstitute/beta/asset/venus-in-her-casket/FQFjN-ceyNAg3w?hl=pt-BR>> Acesso em 14 dez 2017.